

COORDENADOR DA SECÇÃO PORTUGUESA: JOSÉ CARLOS DIAS

COORDINADORA DA SECCIÓN GALEGA: LUCÍA RODRÍGUEZ CAEIRO

COORDINADOR DE LA SECCIÓN ESPAÑOLA: ARANTXA CALDERON

CRONISTAS/COLUMNISTAS: ANNA SWIĘCKA, JAKUB JANKOWSKI, GABRIELA BADOWSKA

JORNALISTAS/PERIODISTAS PERMANENTES: AGNIESZKA RUSINOWSKA, ALEKSANDRA KOPYTKO, ANNA SWIĘCKA, DOMINIK MARCZUK, DOROTA KWINTA, JAKUB JANKOWSKI, JOANNA STANKIEWICZ, JULIA KŁOCZKOWSKA, KAROLINA FRANASZCZUK, KATARZYNA PIWOWARCZYK, MAGDALENA KOZŁOWSKA, MAGDALENA FALKOWSKA, MAŁGORZATA MIKOWSKA, OLGA BORKOWSKA, PATRYCJA WOLSKA.

COLABORADORES: PROFS. ANNA KALEWSKA, DANIELA CAPILLÉ, ANA CAROLINA BELTRÃO, MAGDA MATERNA

COLABORAÇÃO ESPECIAL: ANNA ROTTENBERG

DESIGN GRÁFICO: JOSÉ CARLOS DIAS

CAPA: KASIA STACHOWICZ

FOTÓGRAFOS: LUCÍA RODRÍGUEZ CAEIRO E WWW

BANDA SONORA ORIGINAL: JOSÉ CARLOS DIAS

REVISÃO TIPOGRÁFICA: DANIELA CAPILLÉ

CONTABILIDADE: A COISA ESTÁ PRETA

RESPONSÁVEL PELA CORRESPONDÊNCIA EXTERNA: ANNA KALEWSKA

RESPONSÁVEL PELOS (SEMPRE DIFÍCEIS) CONTACTOS COM O SENHOR DA GRÁFICA: JOSÉ CARLOS DIAS

NOVA MELHOR VENDEDORA DO MUNDO: TAMARA SOBOLSKA (DUAS EDIÇÕES CONSECUTIVAS)

TAMBÉM BONS VENDEDORES: SENHORA ANA E SENHOR JAREK DA SECRETARIA

PÁGINAS DE INTERNET: QUEM ME DERA QUE A SUZANNA A ACTUALIZASSE.

TIRAGEM: 200 EXEMPLARES

MAIOR NOVIDADE: 3º ANO CONSECUTIVO DE PUBLICAÇÃO

IMPRESSÃO: ZAKŁAD GRAFICZNY UNIWESYTETU WARSZAWSKIEGO

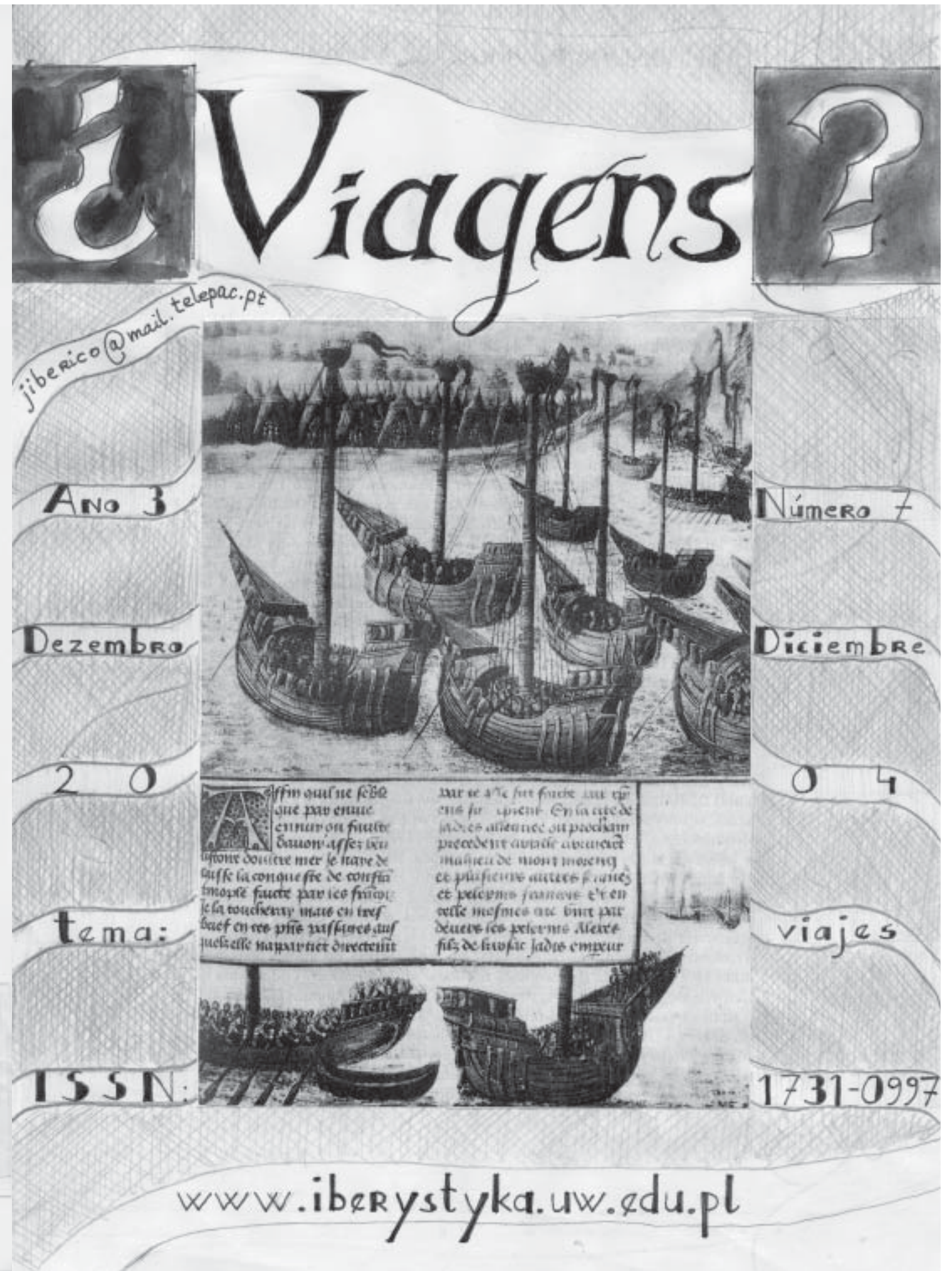
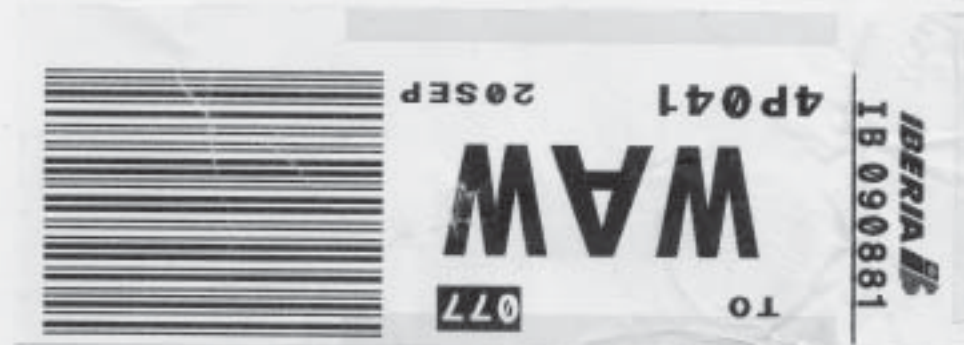
EDITORA: INSTITUTO DE ESTUDOS IBÉRICOS E IBEROAMERICANOS DA UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA

COM O APOIO DE:

LECTORADO DE GALEGO



ZARZĄD SAMORZĄDU STUDENTÓW UW



A ESPERANÇA COR DE LARANJA

Kiev está mencionada por todo lado. É lá onde agora bate o coração da Europa. O futuro não só da Ucrânia mas também o nosso, depende do resultado da revolução de laranja.

Pela primeira vez, a oposição ucraniana ganhou tanta força. Sobretudo graças ao apoio do povo, das pessoas que apesar do frio e das incomodidades estão nas tendas na Praça da Independência. Já não querem suportar mais as mentiras do ambiente do presidente, Leonid Kuczma; não se querem render, têm a força para esperar, para manifestar o seu direito à Liberdade e à Verdade

Antigamente, as pessoas mesmo que sonhassem com um futuro melhor, não acreditavam na possibilidade de vitória. Dominava a opinião de que nada se podia mudar, que sempre será “assim”. “Assim” significava – mal, sem trabalho, sem honestidade, sem dignidade.

Em 2000, a trágica morte do jornalista independente Georgij Gongadze, que criticava Leonid Kuczma, provocou protestos na capital do país. A informação chocou a opinião pública internacional, que abriu os olhos para o facto de que a Ucrânia independente, desde 1991, não ganhara liberdade verdadeira. Poder-se-á chamar livre um país onde não existe liberdade da expressão? Um acidente de autocarro de uma líder da oposição, Julia Timoszenko, em 2002, a sua estada na prisão por causas políticas assombrava o “democrático” rosto do presidente e o seu ambiente.

Mostrava isso muito claramente que a velha equipa não entregaria o poder sem luta severa. A dependência do país da sua madrastra Rússia era óbvia, a ameaça do mais forte parecia paralisar as mentes.

Agora, no fim do ano de 2004, a coragem e esperança estão acordadas, pelo menos na parte ocidental da Ucrânia. Os resultados oficiais da segunda volta das eleições presidenciais de 21 de Novembro foi questionada não só pela multidão com bandeiras cor de laranja, mas também por todo o mundo democrático. Os observadores de OBWE alarmaram sobre os abusos. Nas listas não constavam todas as ruas, nem todas as vilas.

©

OS POLACOS IDENTIFICAM-SE COM A OPOSIÇÃO UCRANIANA. BASTA MENCIONAR OS VÁRIOS PROTESTOS E CONCERTOS ORGANIZADOS EM VARSÓVIA, CRACÓVIA E LUBLIN. LEMBRAMO-NOS DO NOSSO PRÓPRIO CAMINHO, EM 1989 E DESTA ALEGRIA QUE ENCHEU O POVO DEPOIS DA VITÓRIA. A COR LARANJA É TAMBÉM PARA NÓS A COR DA ESPERANÇA. PODEMOS, PELO MENOS UM POUQUINHO, AFASTARMO--NOS DE TODOS OS PROBLEMAS DO NOSSO QUINTAL. PODEMOS, GRAÇAS À REVOLUÇÃO UCRANIANA, TER FÉ, MAIS UMA VEZ, NOS NOSSOS EMPOEIRADOS IDEAIS.

Mas o problema mais grave é que o resultado, qualquer que seja, o verdadeiro ou falso, não pode encobrir o facto do país estar dividido. O leste, sempre mais ligado a Moscovo tem medo do líder da oposição, Wiktor Juszczenko que ganhou o seu eleitorado pelas promessas de conduzir a Ucrânia na direcção de Bruxelas. Enquanto o oeste nem quer ouvir sobre o candidato de Kuczma, Wiktor Janukowycz, um ex-criminoso, dependente nas suas decisões de telefonemas do Kremlin.

Os polacos identificam-se com a oposição ucraniana. Basta mencionar os vários protestos e concertos organizados em Varsóvia, Cracóvia e Lublin. Lembramo-nos do nosso próprio caminho, em 1989 e desta alegria que encheu o povo depois da vitória. A cor laranja é também para nós a cor da esperança. Podemos, pelo menos um pouquinho, afastarmo--nos de todos os problemas do nosso quintal. Podemos, graças à revolução ucraniana, ter fé, mais uma vez, nos empoeirados ideais. Oxalá não acabe só com entusiasmo vazio.

Oxalá a cor laranja permaneça como o símbolo da revolução da paz. Oxalá o Natal, lá no outro lado da nossa fronteira seja calmo, será assim mais calmo para todo o mundo. □

ESTUDANTES NÃO VIAJAM...

Concurso fotográfico acabou. Apenas uma professora enviou fotografias. São fotos muito alegres tiradas no quarto dela. E são sobretudo fotos de flores... O tema de concurso foi: FÉRIAS IBÉRICAS E IBEROAMERICANAS. Professora foi desqualificada. No que diz respeito ao resto... Há algumas hipóteses.

Estudantes não sabem ler- quase impossível mas quem sabe... Estudantes têm problemas com olhos- conheço um oftalmologista muito bom, escrevam para cubeja@poczta.onet.pl ... Estudantes não sabem usar internet- não acredito mas ninguém escreveu para cubeja@poczta.onet.pl...

E mesmo a gata da minha namorada enviou uma vez e-mail para mim, esforçando-se por tapar o teclado com as suas patas ... Não entendi nada... Estudantes não tiram fotografias- então quem escreveu no livro dos visitantes da vitrina, enfim temos um concurso! ? Estudantes não viajam...

Perguntam que concurso? Aquele de cartazes que eu coloquei duas vezes ao lado da vitrina. Perguntam que vitrina? Aquela no nosso instituto, aquela que já tem um ano. A história dela foi escrita no nosso jornal. Perguntam que jornal? Aquele que agora sai pela sétima vez. Dirigido pelo Zé. Perguntam que Zé? Não irrite a gata da minha namorada, por favor. É um animal muito tranquilo mas quem sabe...

Tudo isto é muito estranho. Organizando concurso queríamos convidar outros para participarem nas exposições na vitrina (não me perguntem que vitrina...) e possivelmente na edição dum album fotográfico preparado como resumo destas exposições. São vocês que queriam mudança dos nomes na vitrina. Vocês, estudantes que não viajam... Perguntam que estudantes? Por favor, é domingo e tenho ressaca. Muito boa noite.

PS: por enquanto podem admirar fotografias da Ula tiradas no Brasil. Que se divirtam. □

QUAL É A SUA VIAGEM?

Quem lê, viaja. Lembro-me muito bem deste slogan que o Ministério da Educação brasileiro adotou certa vez para estampar uma campanha de incentivo à leitura.

Mas “viajar” é um termo muito relativo. Na gíria brasileira, dizer que algo é “uma viagem” é mais ou menos como analisar a última obra de Almodóvar declarando que “esse filme é muito louco”, ou discorrer sobre Kant dizendo que ele “era um carinho muito doído que só escrevia coisas sem pé nem cabeça”. Ou seja, significa qualquer coisa como surreal. No melhor sentido da palavra, é claro.

Os mais aventureiros consideram sua mochila o bem mais precioso que existe e podem atravessar meio mundo utilizando-se apenas da técnica de abanar um dedão. Para os mais neuróticos, qualquer incursão num trem suburbano pode significar um tormento digno de arrancar paredes. Para um Português, qualquer conversinha sobre viagens é já um pretexto para falar dos Descobrimientos.

Já para mim, viajar significa quase trinta horas entre três vôos e quatro aeroportos diferentes, cinco fusos de diferença e, no momento, trinta graus a mais que me esperam do outro lado do oceano. Enfim, um feito heróico que não fica atrás de nenhuma epopéia. E eu sempre me sinto à mercê da intriga dos Deuses das Companhias Aéreas, que atrasam os vôos, extraviam malas e me fazem esperar horas e horas sempre que há algum problema.

Mas, voltando à nossa viagem literária, este número da ? traz um vasto roteiro à sua escolha: partimos da febre laranja que nos tomou nos últimos tempos, passando pelos já aclamados Pirilampos, com escala na mágica Galícia, Espanha, México. Oferecemos no nosso pacote uma viagemzinha alucinógena conduzida por plantinhas da Amazônia, muita arte, traduções e tradições. Destino final: apenas o seu prazer.

Agradecemos a sua preferência e esperamos que você aprecie a sua estadia conosco. A todos, uma boa viagem.

Texto de Gabriela Badowska

COR-DE-LARANJA

No dia 21 de Novembro de 2004 (domingo) decorreu a segunda volta das eleições presidenciais na Ucrânia. As sondagens realizadas depois da votação revelaram que tinha vencido Victor Iuschenko, o candidato da oposição. Na Praça da Independência em Kiev reuniram-se 15 mil pessoas para festejar esta vitória. A capital, como todo o Oeste da Ucrânia, chamado um bastião da oposição nacionalista, apoiava Iuschenko, daí esta alegria. Porém, este ambiente distraído desapareceu já no dia seguinte. Segundo os resultados divulgados na segunda-feira, 22 de Novembro, o vencedor da segunda volta foi Victor Ianukovitch, o primeiro-ministro actual. A oposição acusou a Comissão Eleitoral Central de ter cometido fraudes.

No dia 23 de Novembro, milhares de manifestantes reúnem-se ao lado do palácio presidencial e exigem o reconhecimento da vitória de Iuschenko. As multidões na Praça da Independência permanecem ali, apesar do frio. O actual presidente Leonid Kutchma, referindo-se às manifestações num comunicado emitido na televisão estatal, sublinha que as forças de segurança não serão as primeiras a recorrer à força, mas estão prontas para repor a lei e a ordem. A marcha sobre a sede de presidência acabou barrada pela polícia.

Umhas horas antes, no Parlamento realizou-se uma sessão destinada a discutir as fraudes eleitorais. Os deputados que apoiavam Ianukovitch boicotaram essa sessão e abandonaram a sala. Iuschenko aproveitou-se da ausência deles e prestou juramento como presidente da Ucrânia. A partir daquele momento foi reconhecido pelos seus apoiantes como presidente. A União Europeia, a Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE) e os Estados Unidos da América tomam o seu papel no palco e exprimem muita preocupação face às numerosas indicações de fraude eleitoral, enquanto o presidente russo, Vladimir Putin, considerou inadmissíveis as críticas da UE e da OSCE, dado que nesse tempo ainda não havia resultados oficiais.

Na quarta-feira, 24 de Novembro, a Comissão Eleitoral Central anuncia a vitória de Victor Ianukovitch, o candidato do poder. Os estudantes polacos manifestam-se no exterior da Embaixada da Ucrânia em Varsóvia. Na Ucrânia, a oposição dirige-se ao Supremo Tribunal de Justiça, queixando-se de fraudes eleitorais.

A 25 de Novembro (quinta-feira) o ex-presidente da Polónia, Lech Wałęsa, parte para a Ucrânia, para ajudar a procurar alguma solução através da mediação. Ianukovitch acusa a parte oeste da Europa de apoiar a oposição.

No dia seguinte, o chefe da diplomacia da UE, Javier Solana, vai à Ucrânia para assistir às negociações da mesa redonda, nas quais participam também os presidentes da Polónia e Lituânia, os representantes da Rússia e da OSCE. É preciso mencionar que neste dia dá-se uma viragem muito importante - as autoridades e a oposição declaram que estão abertas a negociações.

Em 27 de Novembro, o Parlamento ucraniano declara inválida a segunda volta das eleições presidenciais e admite a existência de fraudes durante o escrutínio presidencial. Iuschenko insiste na repetição da segunda volta das eleições a 12 de Dezembro. Como o Parlamento na verdade não pode invalidar as eleições, a oposição pede ao Supremo Tribunal de Justiça que investigue se o processo eleitoral foi legítimo.

A 28.11.2004 dirigentes russófonos (um dos nomes dos apoiantes de Ianukovitch) ameaçam referendar a separação se Iuschenko chegar ao poder. Neste caso o Leste da Ucrânia, então as regiões maioritariamente pró-Ianukovitch (a zona mais industrial e rica do país) de forte ligação à Rússia, podia alterar o seu estatuto administrativo-territorial ou até tentar ficar parte da Rússia. Todo o mundo suspirava depressa, esperando pelo pior - a guerra.

No dia 29.11.2004 Kutchma e Ianukovitch reúnem-se com os governadores separatistas. Os deputados de Donetsk decidem fazer um referendo sobre uma eventual separação. Javier Solana apela à unidade e à integridade territorial da Ucrânia.

Em 30.11.2004, a oposição rompe negociações com Victor Ianukovitch e retoma o bloqueio aos edifícios administrativos de Kiev, exigindo uma sessão de emergência do Parlamento.

Na terça-feira, 1 de Dezembro de 2004 os deputados votam a favor da moção de censura contra o governo de Ianukovitch. Esta decisão abre caminho à demissão do primeiro-ministro. O próprio Ianukovitch não reconhece a legitimidade desta decisão.

A 2 de Dezembro, Leonid Kutchma, o presidente cessante da Ucrânia, quer novas eleições presidenciais no país, mas recusa assinar o decreto de demissão do Governo de Victor Ianukovitch.

Finalmente, a 3 de Dezembro o Supremo Tribunal da Justiça ordena a repetição da segunda volta das eleições presidenciais.

Em Kiev esta vitória, uma vez mais, foi celebrada com alegria e fogos de artifício. □

Texto de Dominik Marczuk
Fotos de Lucía R. Caeiro

SANTIAGO DE COMPOSTELA

Dende fai un milenio é o obxectivo máis popular das peregrinacións en Europa. É centro cultural e cidade universitaria. Santiago de Compostela, ademais de ser capital administrativa da comunidade de Galiza, ofrece unha multitude de encantos para tódolos que decidan visitala.

Os que peregrinan polo Camiño de Santiago, aínda que é aconsellable que o fagan todos, van á catedral, unha marabilla de arquitectura medieval. O Pórtico da Gloria é sen dúbida o máis impresionante nela. Sen embargo, a súa beleza, aínda que fai conte-la respiración, é só unha cara da moeda. A catedral garda unha das máis importantes reliquias do mundo, os restos do Apóstolo Santiago. Segundo di a lenda, o santo alcanzou Galiza, o cabo do mundo antigo (foron os romanos os que lle deron nome ó Finis Terrae), na súa nobre misión de propagación da fe cristiá. Cando o executaron en Xerusalén no ano 44 e se negaron a enterralo alí, trasladaron os seus restos ao noroeste peninsular. Sobre o seu sepulcro construíuse no século IX unha capela que, co paso do tempo, se converteu na catedral de hoxe.

Mais Santiago de Compostela non é só a catedral. Tamén ofrece unha variedade de maneiras de pasalo ben. As persoas que percorren as cidades con gran pracer queren ver os lugares máis interesantes da capital galega. As catro prazas que rodean a catedral non poden pasar desapercibidas para o camiñante: Praza do Obradoiro, Praza das Praterías, Praza da Quintana e Praza da Acibecheira ou Inmaculada. Tamén vale a pena visita-los numerosos museos, entre eles o interesantísimo Museo do Pobo Galego, O Centro Galego de Arte Contemporánea, o Museo do acibeche e os cinco museos de temática relixiosa.

Tampouco faltan en Santiago eventos culturais, daquela quedarán encantados tódolos amantes da arte. Abundan teatros e exposicións. Durante todo o ano acompañan a festas de tipos distintos concertos de tódolos estilos musicais e presentacións de baile.

Despois de visitar unha serie de museos e espectáculos chega a hora de comer. Pónnoloo fácil a gastronomía local. Nunha mancha de restaurantes, tabernas e bares sêrvense pratos moi variados e para tódolos petos. A cociña tradicional galega é excepcional pola súa alta calidade e, ó mesmo tempo, sinxeleza. Ofrecense pratos a base de mariscos, sopas, queixos... É imposible enumera-lo todo. É unha obriga proba-los doces locais, entre eles a torta de Santiago, feita a base de améndoas. Como complemento da comida ofrécense

unha variedade de alcois locais, dende augardente e licores ata viños excelentes e o máis espectacular: a queimada, augardente con froitas, grans de café e azucre, á que se lle prende lume e se acompaña por unha fórmula máxica: o esconxuro da queimada.

A vida nocturna florece na cidade sagrada. Mentres durante o día Santiago é un prodixio de pedra, despois da posta do sol chama a atención o neon. A noite demostra o moderno da cidade. A festa dura ata o amencer nunha multitude de bares e discotecas. O problema non é, como en Polonia, o de atopar un sitio con música e ambiente adecuados, en Santiago o máis difícil é elixilo. Tamén se fan cada vez máis populares os contacontos que enchen a noite de historias.

Para completar toda a viaxe, dende Santiago é fácil chegar a sitios moi atractivos de Galicia. Ofrecense excursións en autobús ou en coche, con ou sen guía, a tódolos lugares galegos máis coñecidos. Pódese mencionar a Costa da Morte, a Torre de Hércules na Coruña, as Rías Altas ou a Ribeira Sacra e os seus Canóns do Sil. Unha peregrinación ou viaxe complementada de tal maneira con certeza será unha experiencia inesquecible. □





Trala brétema óense as horas húmidas da Torre da Berenguela...



Porque as pedras recordan a Praza do Obradoiro garda séculos de pegadas na súa memoria.



Infîndas rúas de sempre pedra ábrense ante os camiñantes para descubrir a cidade dos recantos máxicos.



A lixeira néboa envólvenos misteriosa na Praza de Fonseca...

VIAXE Á PREHISTORIA



En xeral, parece que cousas ou lugares dos que non se sabe demasiado, ou porque conteñen un misterio profundo ou porque non hai bastantes informacións adecuadas, son moito máis interesantes e espertan o noso interese.

Hoxe, neste artigo, quixera levarvos a un sitio prehistórico, cheo da maxia e misterio e ademais moi tranquilo e con moito encanto. Este lugar do que quero falarvos é para min un dos máis bonitos recantos do mundo, que non só permite descansar e relaxarse senón tamén provoca reflexións e soños da nosa vida e historia.

Hoxe, quixera levarvos ao Castro de Baroña, que se sitúa na Galicia occidental, na península do Barbanza, onde existen un total de 37 castros catalogados. Entre os que se realizaron traballos arqueolóxicos están tamén o de Enxa e o de Nadelas. Nas últimas vacacións eu tiven a oportunidade de visita-lo Castro de Baroña. Pero en primeiro lugar vou falar un pouquiño sobre o castro e a cultura castrexa para que teñades un cadro xeral daquela cultura prehistórica de Galicia.

Un dos feitos máis comunmente admitidos a nivel popular e dos máis controvertidos é que os castros son obra dos celtas. Parece aceptado que existiu unha cultura castrexa, que compartía trazos propios de identidade nas súas construcións, arte, relixión e organización social. A cultura castrexa amósase, a través dos restos arqueolóxicos estudados, como unha síntese da cultura indíxena e a incorporación de elementos culturais centroeuropeos, como por exemplo a lingua de raíz celta. Non obstante, a maior parte dos investigadores aceptan que non se pode falar dunha cultura celta, propiamente dita, en Galicia. A idea do celtismo como o elemento principal da cultura castrexa é froito do pensamento Romántico, corrente intelectual que tivo, a fins do s. XIX, o seu apoxeo.

Texto de Julia Kloczkowska

Entón, que son os castros? Os castros son asentamentos humanos formados xeralmente por un conxunto de edificacións de pedra con base circular, protexidas por varias murallas, tamén de pedra, e fosos, situados en zonas altas, fáciles de protexer. Localízanse tanto no interior como na costa e a súa orixe data dos séculos VI ou V antes de Cristo.

A Cultura Castrexa desenvolveuse ata o século II d.C, e incluso posteriormente, formando parte do que se denomina Cultura Galaico-Romana. Na parroquia de Baroña, dentro do concello de Porto do Son, podemos encontrar un dos conxuntos arqueolóxicos máis paradigmáticos da cultura castrexa marítima en Galicia, ou sexa, o Castro de Baroña.

O castro de Baroña é un asentamento localizado nunha península unida á terra por un istmo de area e roca, nun enclave con indubidable conveniencia estratéxica, xa que domina a entrada sur á ría de Muros e Noia e pode ser divisado desde calquera orientación.

Polos restos arqueolóxicos atopados nos “concheiros”, pequenos xacementos de lixo, podemos saber que a alimentación principal dos seus habitantes era marisco, moluscos e tamén algún animal vertebrado. Tamén se atoparon anzois e outros obxectos de pesca que indicaban actividade mariñeira, aínda que non hai restos que indiquen a presenza de embarcacións, o cal non significa que non utilizaran embarcacións fabricadas con peles. Tamén apareceron muíños, o que demostra que consumían cereais moídos.

O castro de Baroña dispón dun forno para fundir, situado fóra do recinto amurallado, no que se traballaría o bronce, o ouro e o ferro. Elaboraban obxectos de ourivería e traballaban tamén a cerámica realizando actividades comerciais con ela. Case non hai restos de enterramentos nin de motivos relixiosos, polo que se sospeita que incineraban aos mortos. Parece que eran politeístas pero non se cre que deran especial importancia á relixión, sendo os elementos naturais como a terra, o sol, o mar, etc., os seus símbolos de adoración.

Finalmente, teño que mencionar que en Galicia o número de castros é relativamente alto, xa que se estima que existen aproximadamente uns dous mil cincocentos.

Entón, se estivesedes algunha vez en Galicia e quixesedes descansar ou sumirvos en pensamentos e soños ou atopar algunhas inspiracións o Castro de Baroña invítavos moi cordialmente. □

Texto de Magdalena Falkowska

ULTRAPASSANDO AS FRONTEIRAS COM AYAHUASCA

Vocês alguma vez já pensaram quais os motivos que levam a gente a viajar? a deixar o seguro e o familiar para se lançar nas aventuras, ultrapassar as fronteiras do conhecido, seja fisicamente, seja mentalmente? Mesmo que alguém dificilmente entenda isso, a ayahuasca, leva cada vez mais espíritos inquietos a viajarem com ela, exteriormente e interiormente. Esse chá alucinógeno, preparado à base de plantas tropicais, faz com que os “mochileiros” do mundo inteiro percorram quilômetros da Floresta Amazônica com fim de participar, num ritual que inclui o consumo da ayahuasca, de uma outra viagem, para além do consciente.

Imaginem essas cenas! No meio da floresta tropical, um grupo de pessoas, oriundas das mais variadas partes do mundo, passam um dia preparando, conforme as receitas tradicionais indígenas, a bebida ayahuasca. Acabado o processo – longo e complicado- os participantes entoam cânticos especiais, tomando 6 litros de água, além de outras bebidas feitas de plantas que provocam vômitos e diarreias. Depois do processo de “limpeza”, segue-se o momento principal do ritual. Os ayahuasqueiros tomam o chá e entram na fase de miraço, isto é, no estado alterado de percepção que possibilita o contato com o divino.

Se isso parece a vocês uma cena do xamanismo, não estão se enganando muito. A ayahuasca tem sido utilizada há séculos por diversas tribos indígenas para os fins religiosos e medicinais. O fundador da religião do Santo Daime- o seringueiro, neto de escravos, Raimundo Irineu Serra – conheceu a bebida através dos curandeiros locais. Fez do consumo do chá (chamado também vinho de deus, vinho das almas) o fundamento da doutrina que sincretiza elementos de várias religiões: cristianismo, candomblé, espiritismo basicamente.

As duas plantas presentes no preparo do chá – o cipó jagube e a folha chacrona ou rainha – quando fervidas juntas, resultam na ayahuasca. Esse líquido amargo, cor de terra, por conter as substâncias psicoativas, produz no organismo efeitos parecidos com os do LSD.

Os seguidores da religião do Santo Daime e da outra grande entidade religiosa a União do Vegetal (UDV) garantem que o chá assegura uma expansão da consciência, possibilitando entrar em contato com o Espírito Santo e dar início a um processo de autoconhecimento profundo e de melhor compreensão do mundo. Além disso, apontam as qualidades terapêuticas da bebida, que purificariam o organismo e

reduziriam a dependência de álcool e drogas, relatando até mesmo casos de câncer extirpados com a fé do Santo Daime. Por enquanto, essas teorias não têm nenhuma base científica, embora já tenham despertado interesse dos estudiosos de diversos países.

Entre outros, o da antropóloga Beatriz Labeta, mestre pela Unicamp, organizadora do livro recém-lançado *O Uso Ritual da Ayahuasca*, em que aborda também o tema da Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos. O chá, pois, com o passar dos anos, migrou da Floresta Amazônica para as capitais nortistas, chegou aos grandes centros urbanos no Brasil e se espalhou para o resto do mundo. Os neo-ayahuasqueiros, como diz a autora, são, em geral, jovens de boa instrução e educação mais liberal, alternativa, e também profissionais liberais.

A bebida ficou famosa na década de 80 por ser usada por artistas (Sting conta a sua experiência com a ayahuasca na sua recém-publicada autobiografia). Apesar de ele conter um elemento tóxico, o uso do alucinógeno em rituais religiosos foi permitido pela Secretaria Nacional Anti-Drogas (Senad). Por algum tempo, o Brasil se tornou “Amsterdão da ayahuasca” e recebia numerosos “peregrinos” do mundo inteiro. Na maioria dos países, o chá é considerado uma droga ilícita. Apenas o Brasil, a Espanha, a Holanda e, mais recentemente, os Estados Unidos permitem o seu consumo.

O Santo Daime e a União do Vegetal têm cerca de 1 200 seguidores em 20 países, principalmente no Brasil e na Europa. A ayahuasca atrai, porém, adeptos de outras entidades religiosas assim como os „turistas espirituais”. Estes não se desanimam pelas incomodidades da viagem e pelo gasto de alguns 2 mil US\$ para pagar a excursão a um dos centros de “seminários espirituais” na Amazônia ou na Bahia em que se experimenta a ayahuasca. A internet está cheia de anúncios desse tipo, que, geralmente em inglês e espanhol, oferecem aos turistas um conforto cada vez mais alto.

A bebida, como dizem os especialistas, tem poucas chances de virar droga para diversão. As reações corporais e psicológicas são fortes demais. Em Minas Gerais, uma rave chamada Ayahuasca Visions foi anunciada, mas os protestos dos daimistas conseguiram impedir que acontecesse.

Me digam uma coisa: realmente há alguém que acha graça em uma sessão coletiva de vômitos e diarreia...? □

BIENVENIDO A RIBADEO!



Me encanta viajar y siempre que tengo una oportunidad y posibilidad de ir a un sitio, sobre todo al extranjero, la aprovecho. Para mí los viajes son el único y el mejor modo de aprender un idioma, practicarlo y asimismo de conocer otra cultura y todo que está relacionado con ella, o sea la gastronomía, las costumbres, las fiestas, las tradiciones, la música, las leyendas, etc. Además, los viajes nos facilitan el contacto directo con la gente de otras culturas.

En este artículo querría contaros algo de mis últimas vacaciones que pasé en Galicia, el rincón más enigmático de toda España. En secreto, tengo que confesar que me enamoré de esta tierra sobre todo por su bellissimo paisaje, por un lado tan tranquilo, verde, melancólico y por otro tan salvaje y tan distinto de otras partes de la Península Ibérica. Lo único de lo que podría quejarme fue del tiempo, muy lluvioso y brumoso, así que el tópico de que España está relacionada con el sol y el calor en esa región del Noroeste no se confirma.

Durante mi estancia en Galicia visité muchos lugares, entre ellos: Santiago de Compostela (para mí una ciudad mágica a la que querría siempre volver), La Coruña, Malpica, Rianxo, Barroña, Mondoñedo, Viveiro y muchos más.

Pero ahora querría invitaros a Ribadeo, que según una guía polaca es un pueblo poco interesante, pero yo pienso todo lo contrario. Pasé allí 3 semanas trabajando como voluntaria en la Oficina de Turismo, así que tuve la oportunidad de enterarme un poco más de cosas de este municipio y de sus alrededores.

El municipio de Ribadeo se encuentra en el extremo nororiental de Galicia, en la provincia de Lugo, en su límite con Asturias, sirviendo de pórtico natural de entrada o salida de Galicia. Tiene una extensión de 106 km² y una población de 9.163 habitantes. Su contorno lo conforman

el Mar Cantábrico por el norte; los municipios de Barreiros por el oeste y Trabada por el sur, mientras que por el este aparece la Ría de Ribadeo. Ribadeo debe su nombre al río Eo, que se ensancha y convierte en ría.

Cuando llegué a Ribadeo y lo concí un poco, quedé sorprendida por su riqueza natural, paisajística y monumental. Me gustó mucho caminar por el casco histórico, antiguo, con calles muy en pendiente donde se arraciman las viejas casas marineras alternando con casonas de la oligarquía de la villa. Merecen especial mención la Aduana Vella, levantado en el s. XVIII; la Casa do Patín, considerada la construcción civil más antigua de la villa, que en el s. XIX, fue sede de la Escuela de Náutica y de la Aduana.

Me agradó también el Ribadeo moderno, o sea el centro, el conjunto urbanístico en el que destacan la Plaza de España (antigua Plaza del Campo), con hermosos jardines y árboles, que está bordeada por el ayuntamiento (en origen fue el pazo del Marqués de Sargadelos, Antonio Raimundo Ibáñez, fundador de una fábrica de cerámica), construido en estilo neoclásico, que tiene a su lado la Torre de los Moreno, un edificio de principios del s. XX, que asombraba por la riqueza de sus materiales: mármol y cerámica; por último, la iglesia de Santa María del Campo y el convento de Santa Clara del s. XI. De la etapa medieval conserva la villa las pequeñas iglesias en estilo románico dedicadas a la Virgen de la Atalaya y a la Virgen del Camino.

Como Ribadeo es uno de los más importantes puertos comerciales de la zona, tiene por supuesto un casco con un agradable paseo marítimo a lo largo del Puerto Comercial de Mirasol, Puerto Pesquero y Puerto Deportivo de Porcillán. Al final del muelle de Porcillán,



Texto de Julia Kloczkowska



en su extremo norte, subiendo unas escaleras llegamos a la Capela de San Miguel, hermoso mirador sobre el puerto y la ría. Caminando desde la capilla hacia el Puente de los Santos que une Galicia y Asturias nos encontramos con el antiguo Cargadero (Cargadeiro do Mineral) de hierro para los barcos, hoy sustituido por una estructura de madera que constituye un excelente mirador. Muy cerca se encuentra el Fuerte de San Damián, una construcción militar del s. XVII que servía de defensa a la villa, hoy sitio de varias exposiciones. Continuando el camino podemos disfrutar de un paseo muy agradable junto al mar hasta la Illa Pancha (Isla Pancha) con sus faros antiguo y moderno.

El paisaje de los alrededores de Ribadeo es muy variado y pintoresco porque por un lado aprace el mar con magníficas playas, la ría, el río Eo y por otro lado hay pequeños montes y bellísimos valles. Desde el Monte de Santa Cruz (el Mirador de Santa Cruz), que está a unos 3 km de Ribadeo, se puede contemplar una espléndida vista panorámica de Ribadeo y de sus alrededores. Allí se encuentra una capilla, dos cruces, un observatorio de la Casa de la Ría, un Monumento al Gaiteiro Gallego y un jardín botánico con especies autóctonas. El primer domingo de agosto se celebra allí una fiesta de romería: la Xira de Santa Cruz, de gran sabor gallego.

Finalmente, lo que me asombró más de todo el paisaje de este municipio fueron las playas, sobre todo, la de Las Catedrales (As Catedrais o Augasantas). Esta extraordinaria playa se encuentra a unos 8 km de Ribadeo, en dirección hacia La Coruña. Lo que sorprende allí son las múltiples galerías, cuevas y unos amplios arcos que parecen pórticos marinos o columnas aisladas. Todas esas formas de la roca están configuradas por el mar como

resultado del proceso de derrumbe. Otro fenómeno de tan magnífica playa es que sólo es posible visitarla, o sea pasear por ella, cuando hay marea baja, es decir cuando el mar baja porque durante la marea alta toda la playa está cubierta y no se puede caminar por ella. Por eso, si estuviérais alguna vez en Ribadeo y quisiérais ir a la Playa de Las Catadras, es muy importante enterarse bien del horario de la marea baja y ¡cuidado! porque cada día el horario es diferente, o sea no es siempre la misma hora. El horario de la marea se puede consultar sobre todo en la Oficina del Turismo de Ribadeo.

Para concluir, me parece que Ribadeo es un lugar muy interesante y vale la pena visitarlo. Además, allí también cruza el Camino Norte de Santiago, o sea uno de los ocho caminos de peregrinación a Santiago de Compostela. □



UN ENCUENTRO CON MEXICO

Texto de Patrycja Wolska

Me fui a México el 14 de septiembre de 2003 y pasé allí en total diez meses. Sin embargo, mi viaje, un poco más espiritual, empezó cinco años antes, que fue cuando me enamoré de México. Mis recorridos consistieron en leer libros y publicaciones sobre este país, las pláticas con las personas que estuvieron allí y conocieron sus defectos y buenas cualidades, y, literalmente, en tocar con el dedo el mapa de México que hasta ahora está colgado en mi habitación. Al mismo tiempo, mi imaginación formaba cierta visión del destino de mi viaje, que, a pesar de mis intenciones de dejarla libre de estereotipos, tenía que tomar en cuenta las opiniones generales sobre México que circulan en mi país. Y éstas son muy variadas.

Los polacos asocian México más a menudo con los Mayas, Acapulco, el nopal, el sol, una cocina picante, un esqueleto alegre, la fiesta, el sombrero, el tequila, una delincuencia importante, el peligro. En una palabra, México, es para nosotros algo exótico en colores llamativos, donde nos asusta la pistola cargada, y al mismo tiempo, algo ligero, cálido y alegre, donde incluso el Día de los Muertos es una fiesta divertida. Pero yo apenas pude esperar el sabor de tortilla y poder tocar esas viejas piedras de Teotihuacán. Mi curiosidad fue más fuerte que los juicios negativos y, a pesar de los miedos y advertencias, guiándome según el lema "el mundo pertenece a los valientes", salté "al otro lado del charco", a México.

Mi primera impresión fue, sinceramente, un susto: "un mar" de luces rodeado por cerros, que constituía la capital con sus casi 25 millones de habitantes y más de 5 mil hectáreas. Pero, en realidad, México, ya al principio, me saludó con una gran fiesta. En la noche del 15 al 16 de septiembre los mexicanos celebran su gran fiesta nacional, el Día de la Independencia. El evento tuvo lugar en el Zócalo. A las once de la noche, el presidente de la República (esta vez Vicente Fox) tocó la campana y gritó tres veces "¡Viva México!". El enorme gentío reunido en la plaza junto con él

gritó esas palabras, y yo tenía lágrimas en mis ojos, porque precisamente en este momento me di cuenta de que realmente estoy en este lugar de mis sueños y estoy divirtiéndome junto con los mexicanos. Unos días después de la celebración los coches todavía tenían pegadas las banderitas nacionales a las antenas, y en las ventanas de las pastelerías se podían ver dulces con los colores nacionales. Tengo que reconocer que los mexicanos tienen una postura sentimental y ardiente en lo que se refiere al patriotismo. Se entregan mucho a los asuntos de su país, el amor a la patria es más bien un honor y orgullo que vergüenza. Noté este aspecto también en los zócalos de diferentes ciudades, en el momento de levantar la bandera: además de la marcha solemne de los soldados, estaban presentes unos transeúntes y, firmes, con su mano puesta al corazón, escuchaban el himno nacional.

Una postura parecida la tienen frente a la religión. México es un país 95% católico, pero es una fe más bien "mariana". Su protectora es la Virgen de Guadalupe, una virgen María de cara morena que habló a Juan Diego en náhuatl. Prácticamente tiene su rincón en todos los lados: en un restaurante, en los hoteles, en un callejón oscuro, en un taller mecánico, en la fábrica del tequila, en una roca en el mar en Acapulco, en los medios del transporte común, en un taxi, en las rocas a las autopistas de toda la República y en cada departamento particular. Su mes es diciembre, y, más exactamente, el día 12. En esas fechas una multitud de peregrinos se dirige a la capital, al Santuario de La Villa. Caminan los habitantes de diferentes ciudades, indios de diversas tribus, familias enteras, asociaciones de taxistas, cerrajeros y fotógrafos. Pasan junto a la Antigua Basílica, al monumento al Papa Juan Pablo II, se dirigen a la Nueva Basílica con la imagen milagrosa de la Virgen de Guadalupe y se sientan frente al templo. Por lo que la enorme Plaza de las Américas está llena de tiendas de campaña y de gente que duerme, platica, baila, toca instrumentos y prepara la comida. En las autopistas

de todo el país se puede ver en todo momento los peregrinajes: un coche que va a paso lento, adornado con flores y luces de colores, con un pequeño altar de la Virgen (a menudo con los colores nacionales), y frente a él, una persona que va corriendo, llevando en la mano una antorcha con el fuego sagrado, encendido en la Basílica principal. El fuego sagrado lo pasarán a su iglesia parroquial, para que la Virgen de Guadalupe les proteja también en este año.

La capital de México es grandísima y parece un caos enorme: aquí se mezclan distintos estilos arquitectónicos, muchos edificios se construyeron sobre las ruinas de antiguas viviendas y templos aztecas, mucha gente por todas las partes. Sin embargo, esa ciudad tiene sus lugares especialmente impresionantes, p.ej: el Zócalo, Chapultepec, el parque más grande de la ciudad, las calles cerca del Zócalo, llenas de librerías con viejos libros, la zona universitaria. A mí me gustó más Coyoacán, un sitio mágico para mí. Es el nombre de un barrio en el sur de México D.F. Es famoso por el Museo de Frida Kahlo, que de hecho fue la casa de Frida y Diego. Un tranvía de los años veinte nos llevará para un recorrido por esa zona y veremos ricas casas unifamiliares de gran antigüedad, el mercado lleno de colores y de maravillas de arte popular, como las blusas bordadas de puro algodón, pasaremos junto al zócalo, en el que siempre hay ruido y es agradable. Vale la pena visitar ese rincón el domingo. Ese día hay allí orquestas de diferentes partes de América del Sur, las indias venden muñequitas hechas a mano delante de la iglesia, y cerca, está el puesto con los carteles y publicaciones sobre el movimiento zapatista del estado de Chiapas. El gran mercado nos ofrece no sólo un amplio surtido de la ropa, como p.ej.: pantalones anchos con un dibujo popular, ponchos, sombreros, pañuelos, blusas con una foto de Emiliano Zapata, bolsas de cuerda o de tela, con presentaciones de las plantas. Por puro placer, uno puede comprar pendientes de plata con plumas de papagayo, cuadernos adornados a mano, velas de diferentes

colores, cerámica. En el sitio podríamos incluso dejarnos hacer un tatuaje, o teñirnos el cabello. Para los que necesitan consejos en cuanto a la salud les esperan los puestos con hierbas, la purificación con una vela, cristales y libros adecuados. Cerca, unos artistas muestran sus obras, por lo que la plaza parece una galería. Incluso, junto a la iglesia, está el restaurante Grifaldo, cuyo propietario también es un pintor. Dentro podemos probar unos espaguetis exquisitos, admirando al mismo tiempo los cuadros más recientes del artista. Éstos representan con frecuencia paisajes mexicanos, o escenas cotidianas, también con acento mexicano. Después de la visita detallada al zócalo vale la pena tomar un café delicioso en la esquina y comer churros (dulces calientes con relleno de chocolate, leche o caramelo).

México es un país en que siempre estamos en verano, o puede que en primavera. El año está dividido en dos épocas: la seca (noviembre- abril) y la de las lluvias (mayo- octubre). Además, siempre hace sol y por todos lados florecen los árboles, flores con nombres extraordinarios para mí, incluso los nopales parecen no picar y son más accesibles. Y la fruta se vende durante todo el año, p.ej.: ya en abril llega la época de fresas (en Polonia las tenemos sólo en junio), y las naranjas o plátanos (tres especies) se pueden comprar todos los días. En una palabra, "es" verde de color, huele agradable y siento un calor suave. Incluso hay una localidad, Cuernavaca (1,5h de camino desde la capital), que a menudo se describe como "la ciudad de la eterna primavera". El clima es más suave, y las numerosas flores constituyen un elemento inseparable del paisaje. Al mismo Hernán Cortés, jefe de los conquistadores españoles, tanto le agradó Cuernavaca que mandó construir allí su palacio. Quiso trasladar la capital de México precisamente a Cuernavaca, pero la tradición e historia fueron demasiado fuertes y, en efecto, no lo consiguió. Resulta, que a pesar de su tamaño y del caos, la capital se encuentra entre las ciudades más bonitas del mundo, al menos para mí. □



lecturas de Polonia

Texto de Patrycja Wolska

LA INSURRECCIÓN VARSOVIANA

El primer de mayo de 2004 la Unión Europea dio la bienvenida a diez nuevos miembros. Entre ellos se encuentra Polonia. Con sus 38 millones de habitantes constituye uno de los países más poblados dentro de la Comunidad. La atmósfera en mi país estuvo muy alegre, eufórica, se sentía mucho ánimo por todos los lados. Por fin, ¡"entramos en Europa"! Recuerdo la votación general del mayo del año pasado. Tuvimos que elegir si queremos acceder a la UE o no. Decidimos que queremos estar en la UE. El presidente, Aleksander Kwaśniewski, tenía lágrimas de emoción en sus ojos al anunciar el resultado. Después de muchos años de los preparativos finalmente llegó la fecha esperada, el 1 de mayo de 2004.

Este día se llama en Polonia el Día del Trabajo. Recuerdo desfiles de gente de todos los oficios y profesiones, tan populares durante la época del socialismo. Las marchas solemnes pasaban por las principales calles de Varsovia. Ahora nadie celebra la fiesta de esta forma.

El Día del Trabajo Polonia "regresó a Europa". Esta frase me hizo pensar a menudo. ¿Cómo que "regresó a Europa"? Es cierto que el 1 de mayo de 2004 yo estaba en México, pero, antes, toda mi vida, la pasé en Europa, en Polonia, que nunca cambió su ubicación. Es más, es en Polonia donde está el medio geográfico de Europa (a 200 km. al sur de la capital). Así que, Polonia constituye su mero centro y, como dicen algunos, también su corazón. Se volvió la víctima de la primera y segunda guerra mundial. De ahí, que su papel en los sucesos más dramáticos del siglo pasado sea significativo. Igualmente, su contribución a la caída del bloque socialista es indudable. En 1989 elegimos a Lech Wałęsa, el primer presidente democrático. Y, para decir la verdad, fue a esas fechas cuando Polonia se volvió totalmente independiente, tras los 40 años de la hegemonía de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas. Justamente después cayó la muralla de Berlín, la República Checa se separó de Slovakia y, finalmente, la misma Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas dejó de existir. Polonia durante siglos formó la historia, cultura e identidad europea junto con otros países de este continente, fue su parte inseparable. En vista de ello, la expresión: "regresó a Europa" es un poco injusta.

Por otra parte, sí "entramos en Europa", si tenemos en cuenta que, en realidad, Polonia se encontraba durante decenios de años en los suburbios de su continente, por su débil economía y el atascamiento de la civilización. Durante siglos estaba invadida, conquistada, colonizada por el Occidente, estaba subyugada de éste, pero jamás fue su miembro legítimo. Al Occidente miramos con envidia y queja, precisamente en los últimos decenios.

No entramos en Europa con el sentimiento de una grande victoria histórica, ni de una derrota histórica. Entramos con prudencia y sabemos que mucho depende de la situación de la misma Unión Europea. Nos acompañan diferentes emociones. Aparece alegría, porque finalmente nos consideran como miembro, socio y amigo. Junto a la alegría está miedo, porque tememos a la hegemonía y dominación del siguiente organismo político. No queremos que expongan a vender nuestras tierras. Estamos conscientes que frente a los demás miembros de la UE apenas "caminamos" económicamente. Nos preguntamos si logramos salvar nuestra identidad, lo polaco? Estamos también inseguros, porque nos espera algo nuevo, porque tendremos que alcanzar las condiciones de los países miembros y, por ahora, el ingreso nacional bruto

es cinco veces menor que el mediano en la UE. Hay falta de información en el ambiente de los agricultores, empresarios y políticos. Sin embargo, tenemos mucha esperanza. Pronto la situación económica mejorará, tendremos más empleos y posibilidades. Las instituciones funcionarán mejor. Fin con las guerras por la independencia, con las tensiones internacionales en cuanto al país relativamente pequeño con su ubicación no muy favorable: entre Alemania y Rusia. Cuanto más Europa sea integrada, tanto más nuestra esperanza para una vida segura sea real. Por último, no estamos libres de sospechos, desconfianza y complejos. Hay que subrayar, que Europa es nuestro sitio de origen, desde desembocamiento del Tajo, donde partieron las naves de Vasco da Gama, hasta los cerros de Roma, hasta los campos de brezos de Escocia y los pavimentos de París. Estos lugares conocíamos ya antes como trabajadores o turistas. Ahora, entramos en ellos sin pasaporte, como los miembros legítimos de la Comunidad. □

©
**JUSTAMENTE DESPUÉS
CAYÓ LA MURALLA DE
BERLÍN, LA REPÚBLICA
CHECA SE SEPARARÓ DE
SLOVAKIA Y, FINALMENTE,
LA MISMA UNIÓN DE
REPÚBLICAS SOCIALISTAS
SOVIÉTICAS DEJÓ DE
EXISTIR.**

leituras da Polónia

Texto de Małgorzata Mikowska

ARTE CONTEMPORÂNEA À SOLTA EM VARSÓVIA



Seguramente a maioria de vocês já repararam nas pequenas mudanças, que desde algum tempo acontecem no meio ambiente nos arredores da Universidade. Primeiro, no centro dum largo, cresceu uma palmeira. Agora, no parque que fica ao lado da biblioteca BUW podemos encontrar uns cervos. São cor de rosa e além disso acendem ao anoitecer. A vista é realmente engraçada e aconselho a todos o passeio nocturno por aquela área.

Ambos os projectos reflectem uma transformação na mentalidade das autoridades municipais e também dos cidadãos quanto ao espaço público. O que é público já não é a "área de ninguém" - como antes - mas a "área de todos", que pode ser bem aproveitada e tornar-se numa fonte de prazer e recreio na nossa vida cotidiana.

Por conseguinte, o surgimento do parque à beira do Vístula não foi casual. É a primeira parte do grande projecto, cujo objectivo principal é adaptar os terrenos pós-industriais ao longo do rio, e de alguma maneira atrair as pessoas a passarem o tempo livre por ali. A ideia geral consiste na construção de um centro científico e cultural de carácter interactivo.



Vêm-me à mente Lisboa e Sevilha, onde da mesma maneira foram arranjados os terrenos depois das Expos. A escala do projecto seguramente não pode ser comparável, no entanto os planos para o futuro são muito prometedores.

Os jovens artistas polacos, graduados nas escolas de arquitectura ou artesanato artístico, estão cheios de conceitos para aproveitar o espaço público e diversificar o tecido urbanístico de Varsóvia. Até agora e graças ao esforço e à ajuda financeira da fundação "Beç Zmiana", alguns deles já tiveram a oportunidade de os realizar. Daqui, por exemplo, a aparição dos cervos no parque.

De alguma maneira é apenas uma prova, uma experiência para observar a reacção da gente em contacto com as obras de arte expostas no ar livre.

Há pessoas que não gostam, que acham muito controversas aquelas mudanças na paisagem da cidade. Para outros, são um simples gracejo. Mas uma coisa é certa. Varsóvia é uma cidade muito pobre em lugares com amenidade, que convidem os peões a diminuir a marcha. Muito menos a despertar um sorriso. As instalações artísticas possibilitam que Varsóvia se torne numa cidade mais curiosa, talvez mais bela e que, por fim, ganhe um aspecto individual entre as outras capitais europeias. □

QUADROS VIVOS NA ALDEIA GLOBAL

Nos inícios da década de 60 Andy Warhol invadiu o terreno da cultura pop e apoderou-se da sua iconoesfera visual. Alcançou a “propriedade pública”, a que pertenceram propagandas e embalagens de produtos populares, igualando-lhes em importância a retratos de pessoas públicas e a fotografia chocante da imprensa que revelava ao mundo inteiro as circunstâncias da morte de alguém. Seja um acidente de carro, uma execução de um condenado na cadeira elétrica ou um atentado contra o presidente Kennedy. O uso de fotografias da imprensa quer dizer “material pronto” para a produção das obras de arte devia revolucionar não só uma, mas duas esferas da vida. Primeiro – cópia serigráfica que sendo a transferência mecânica da fotografia foi reconhecida como obra de arte igual a pintura feita a mão ou gravura. Segundo – no espaço da arte encontrava-se o que até este momento pertencia ao domínio das informações, meios de comunicação e publicidade, considerados “não-artísticos”.

Também o conceito de imagem foi ampliado; isso que pouco tempo atrás significava pintura, tendo o retrato como uma das suas variações, começou a funcionar como um comunicado. Sancionou isso o autor do conceito de aldeia global – Marshal Mc Luhan no famoso: “imagem é mensagem” (image is a message), porém pouco depois foi mostrada a existência de uma reação de retorno, porque mensagem – comunicado – é imagem, tanto no campo dos meios de comunicação e publicidade quanto no campo da arte. Assim, com o passar do tempo, ambos os domínios começaram a transpassar e completar-se. A mídia aproveitava os sucessos da arte, a arte, por sua vez, beneficiava-se da mídia. Essa dependência assim continua. Os meios de comunicação reduzem a linguagem e apelam para a subconsciência; a arte recorre para a linguagem da mídia e revela seu “forro” – isto é, os métodos de manipulação da imagem-comunicado, que tem por objetivo levar-nos à consumação do produto escolhido ou atrair-nos para uma ideologia política determinada. Esta manipulação se realiza também através da formação da imagem da empresa (muitas vezes também do indivíduo) baseada nas pesquisas sociopsicológicas avançadas, elaboradas através de métodos científicos. Na preparação de imagens como essa participam além de economistas, também especialistas da psicologia social, sociólogos, e mesmo matemáticos que nesta esfera da vida introduzem a teoria do caos. Quanto maior o dinheiro em jogo, mais profissional pode ser a imagem da empresa.

Obviamente – essa imagem já não se limita a sua fonte lingüística: já não é mais uma só imagem, porém são milhares de estímulos heterogêneos aticando todos os sentidos existentes para criar na nossa mente associações positivas com o produto divulgado. No eixo de todas essas ações permanece o retrato da pessoa pública – o único, permanente e constante elemento da campanha publicitária.

Os mecanismos de transferência da imagem e da marca na consciência social que os profissionais elaboram com esmero, podem ser aplicados também à criação de imagens negativas ou às ações políticas. Mais frequentemente, são os artistas que desenvolvem e fazem uso “secundário” de técnicas sociopsicológicas. Se pode mencionar aqui uma série de “cartazes” que depreciam os produtos de Calvin Klein ou conhecido “Absolut Impotence” ou “Absolut Nonsense” no processo chamado Subvertising que faz parte das práticas, ultimamente muito divulgadas, nascidas no limiar do discurso social com arte, chamadas jamming. Muito interessantes – e famosas na época – foram as demonstrações de acrobatas que “construíram” dos seus corpos inscrições “No War”, “Peace” ou símbolos pacifistas – contrários a guerra presentes na contracultura das décadas de sessenta e setenta. A própria técnica de construir imagens, quadros vivos, foi emprestada ou – como quer Alfons Hug – contrabandeada de estádios olímpicos onde estas práticas reinavam há anos.

O quadro vivo que prova a crença profunda e o culto ao Papa polonês, tão presente na Polónia, nasceu em Wadowice, durante a última peregrinação de João Paulo II à sua terra natal. Os fiéis agrupados na praça em frente à igreja na cidade natal de Karol Wójty^{33a}, se colocaram na forma que, vista de cima formava o perfil característico da cabeça do Papa. Com certeza, essa ação nunca teria sido realizada, se a mídia não popularizasse a prática “esportiva” ou, talvez, se não surgisse jamming. Apenas a imagem do Papa foi transferida da fotografia bidimensional para o vivo tecido ativo da multidão humana – é possível, segundo Piotr Uklanski, transmitir essa imagem juntamente com o costume novo de construí-lo – para uma cultura distinta, por exemplo para o Brasil. Uma reação reflexa vai ter lugar: no início vão ser transplantados os símbolos visuais de culto ao Papa, nascidos na Polónia, quer dizer realizar o clássico jamming. O próprio culto virá a seguir. Isso abre a oportunidade para a introdução dos ensinamentos do Papa sem a necessidade de cansá-lo para um continente distante. Tudo está perto na nossa aldeia global. □

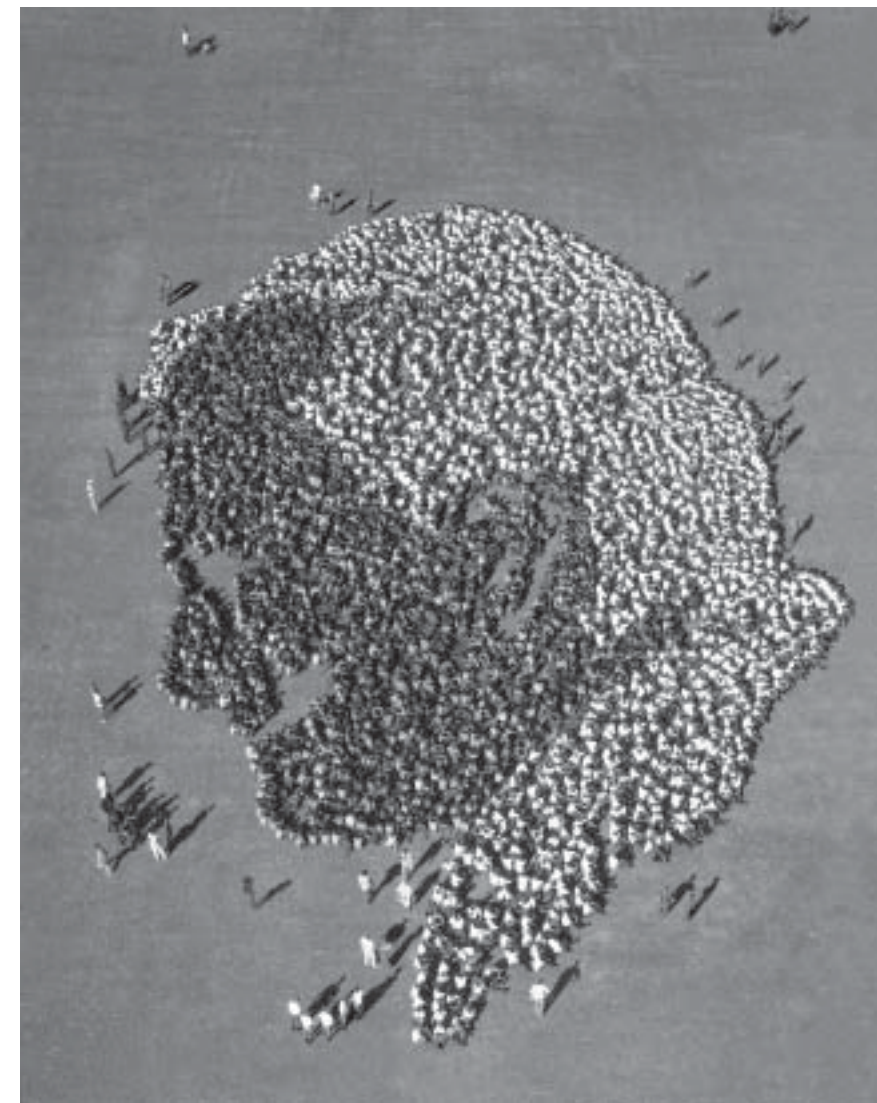
26ª BIENAL DE SÃO PAULO - REPÚBLICA DA POLÓNIA

O artista polonês Piotr Uklanski criou o retrato vivo do Papa João Paulo II (Karol Wojtyła) para ser apresentado na 26ª Bienal de Arte Contemporânea em São Paulo.

A imagem formou três mil e quinhentos soldados do Exército Brasileiro que foram colocados com a precisão coreográfica em um grande terreno gramado. Aproveitando a fotografia aérea, fotografou a imagem do alto e assim vitalizou o quadro. O retrato do Papa parece ser composto de “pixéis” substituídos, por alguns momentos, pelos corpos humanos que se tomam os pedaços da informação digital. Transmitindo os dogmas religiosos, a imagem do Papa constitui um ícone secular além de ser uma ponte entre as duas culturas.

Piotr Uklanski organizou e realizou o retrato no Brasil para destacar vários níveis da leitura deste projeto, tanto conceituais como culturais. A escolha do Papa João Paulo II nasceu da conexão imediata entre dois países profundamente distantes em vários itens, mas que coexistem historicamente e culturalmente dentro da tradição da Igreja Católica. A fé religiosa não é a única ponte que liga o Brasil com a Polónia, a semelhança mais importante é que seus povos são caricaturados por serem muito tradicionais e considerados devotos na prática religiosa católica.

No contexto artístico, a ideia de exposições internacionais ou bienais vem com o conceito de mostrar as diferenças culturais, sobretudo porque os artistas convidados mostram os trabalhos que devem representar os seus países. Piotr Uklanski contribuiu na 26ª Bienal de São Paulo apresentando um projeto bem diferente. O artista criou sua obra para refletir sobre a prática universal ou vulgar (cliché experience) que traz a expectativa frustrante da contribuição artística que sempre deveria ser exótica e única por ser trazida de longe, de um país distante.



Piotr Uklanski, *John Paul II*, 2004

Este projeto foi produzido pela Fundação Instituto Promoção de Arte e Anana Engenharia Cultural com o apoio generoso do Ministério da Cultura da República da Polónia, Prokom Software SÁ e Brasil Connects. Piotr Uklanski nasceu em 1968 em Varsóvia. Dedicou-se às artes visuais; vive e trabalha em Varsóvia, Paris e Nova York.

Anna Rottenberg foi diretora da Galeria Nacional de Arte Contemporânea “Zacheta” em Varsóvia (1993 - 2001). Atualmente é a diretora da Fundação Instituto Promoção de Arte, mas exerce também a crítica e curadoria independente. □

Productora email: mmbra@wp.pl

sección galega

Texto de Karolina Franaszczuk

A QUEIMADA

A queimada, que poucas persoas o saben, é unha tradicional bebida galega que se basea no bagazo galego (ou sexa, na augardente). Ten un sabor especial e único e o costume de bebela ten raíces nun pasado remoto. Aínda así dicir só isto non explica moito o fenómeno da queimada, pois é algo máis profundo e complicado, un dos máis difundidos rituais da augardente, pagán e cheo de misterio. É unha celebración colectiva da identidade do pobo galego coa súa terra, as súas tradicións e costumes.

Trátase de reunir os amigos, a familia ou a xente nunha festa popular, preparar nun pote de barro augardente engadindo azucre, tonas de limón, café e outros ingredientes ao gusto, despois faise arder e todo isto acompañao o esconxuro máxico, normalmente coa luz apagada o que estimula a imaxinación dos participantes.

Galicia abonda en lendas, supersticións e crenzas sobre meigas, bruxas, trasnos e outras manifestacións do metafísico. A queimada ten moito disto. Foi antigamente vista coma bo medicamento para as enfermidades do corpo e da alma. Crían os galegos que axudaba en casos coma o catarro, a dor dos dentes, dos oídos, do estómago e tamén coma antidepresivo para os tal chamados meigallos. Alén diso co ritual pódense espantar todas as bruxas, as meigas, os malos espíritos, afastar os danos, maleficios e o mal de ollo.

O fogo, que é a esencia do rito, tivo e ten nas diferentes culturas a significación dun poder purificador. Esas crenzas son de procedencia pagá, no entanto despois tomadas polos cristiáns. O home ao contacto co fogo limpa a alma dos pecados e meigallos. O fogo tamén alumea, asombrando todos os males e quenta dando enerxía.

Na queimada participan tamén outros elementos esenciais que son a auga simbolizada pola augardente e a terra en forma de recipiente de barro. A orixe do ritual non se sabe ben, hai moitas hipóteses. Uns din que o costume de beber queimada vense facendo dende os séculos XI e XII. Hai persoas que ven o seu comezo na civilización celta. A segunda teoría porén non é posible. Os celtas non coñecían nin a augardente, nin o azucre! A versión que asemella ser a máis verdadeira é que a queimada é o efecto da asimilación, ligazón dos elementos celtas, románicos, xermánicos e árabes que se unen e forman a beberaxe máxica.

O esconxuro, que é obrigatorio durante a preparación da bebida, segundo as fontes creouse soamente no século XX, cando a queimada comezou a ser máis pública e popular.

Din que cada familia ten a súa propia versión. Adxunto dúas, a máis coñecida en primeiro lugar. Que aproveite!

O ESCONXURO

Mouchos, coruxas, sapos e bruxas.
Demos, trasgos e diaños, espíritos das nevoadas veigas.
Corvos, pintigas e meigas,
feitizos das menciñeiras.
Podres cañotas furadas, fogar dos vermes e alimañas.
Lume das Santas Compañas,
mal de ollo, negros meigallos,
cheiro dos mortos, tronos e raios.
Oubeo do can, pregón da morte,
fuciño do sátiro e pé de coello.
Pecadora lingua da mala muller casada cun home vello.
Averno de Satán e Belcebú,
lume dos cadáveres ardentes,
corpos mutilados dos iñocentes,
peidos dos infernales cús,
muxido da mar embravecida.
Barriga inútil da muller solteira,
falar dos gatos que andan á xaneira,
guedella porca da cabra mal parida.
Con este fol levantarei as chamas deste lume, que asemella o do Inferno,
e fuxirán as bruxas a cabalo das súas vasoiras, índose bañar na praia das areas gordas.
¡Oíde, oíde! os ruxidos que dan as que non poden deixar de queimarse na augardente quedando así purificadas.
E cando esta brebaxe baixe polas nosas gorxas, quedaremos libres dos males da nosa ialma e de todo embruxamento.
Forzas do ar, terra, mar e lume,
a vós fago esta chamada:
si é verdade que tedes máis poder que a humana xente,
eiquí e agora, facede que os espíritos dos amigos que están fóra,
participen con nós desta queimada

sección galega

OUTRO ESCONXURO

Lume lumiña,
que verde camiña
da fraga á lareira
e faise lumieira.
Lume de quentura
pra nosa fartura;
lume benzoada
que roda a queimada.
Pingota d-orvallo
folla de carballo;
auga do agoiro
mel do fervedoiro.
Cerqueira de lume
sen trasno nin fume;
nin bruxa chuchona,
nin meiga dentona.
Rolar muiñeiro,
chiscar faisqueiro,
moxena lumiosa,
vagalume rosa;
viradoira de lus
faremos a crus.
Polo ar da sorte
que escorrenta a morte;
pola auga da vida
que sanda a ferida;
pola herba moura
que busca a tesoura;
pola pedra o raio
que mata ao meigallo:
Lume, lume, lume;
lume lumeada
para aloumiñar
a queima queimada,
na vira virada
do borburellar.
Polo San Silvestre
de pao de cipreste;
chaga de San Roque,
can e palitroque.
Polo San Andrés
e, polo Sant-iago,
nun reviravés,
queimada
che fago, e, QUEIMADA, es.



Actualmente o costume da queimada sóse practicar case só nas aldeas e pobos pequenos e tamén máis a miúdo no interior do que na costa. É unha actividade interxeracional, pois o costume é popular tanto entre a xente maior coma nova.

E claro, para os turistas é unha gran atracción, sobre todo cando temos unha representación do ritual con persoas disfrazadas de meigas e cun mestre da cerimonia que prepara a queimada e di o esconxuro, o que se pode ver cada ano en Cervo, por exemplo.

Os galegos mesmos teñen a necesidade de recuperar tradicións e costumes perdidos e por iso fan a queimada xa non só na intimidade de casa cos máis achegados, senón tamén ao remate das festas e reunións. Finalmente doules unha curta e simple receita, pero antes un aviso...non se queimen!

A receita para unha queimada

Nun recipiente de barro pomos a tona dun limón, os grans de café, o azucre (125 gramos por litro de augardente) e a augardente. Pomos un pouco de azucre no cullerón (que teña o mango longo para non queimarnos) e mollámolo na augardente. A continuación prendemos esta augardente e incorporámola con coidado ao resto. Revolvemos todo. Co cullerón collemos azucre do fondo e escorremos a augardente deixando que se queime o azucre. Fórmase caramelo e dámoslle unha cor tostada á queimada. Continuamos dando voltas e queimando o alcohol. Canto máis queimemos a augardente, máis suave sairá a queimada. Cando as lapas teñan unha cor azul este é o indicativo de que a queimada está no seu punto. Neste momento débese facer o esconxuro, todo o tempo dando voltas ao líquido. Para apagar o lume non debemos soprar, só tapar o recipiente cunha tapa ou esperar a que se apague. O correcto é servilo en cuncas pequenas de barro. □

O PAI DE MIGUELIÑO

NESTE ESPAZO PRESENTAMOS A TRADUCCIÓN AO POLACO DUN RELATO DE CASTELAO PERTENCENTE Á SÚA OBRA *Cousas*, EDITADA EN DOUS LIBROS EN 1926 E 1929, CUNHA EDICIÓN DEFINITIVA EN 1934.

O pai de Migueliño chegaba das Américas e o rapaz non cabía de gozo no seu traxe festeiro. Migueliño sabía cos ollos pechados cómo era o seu pai; pero denantes de saír da casa botoulle unha ollada ó retrato.

Os “americanos” xa estaban desembarcando. Migueliño e a súa nai agardaban no peirán do porto. O corazón do rapaz batíalle na táboa do peito e os seus ollos esculcaban nas greas, en procura do pai ensoñado.

De súpeto avistouno de lonxe. Era o mesmo do retrato ou aínda mellor portado, e Migueliño sinteu por el un grande amor e canto máis se achegaba o “americano”, máis cobiza sentía o rapaz por enchelo de bicos. ¡Ai!, o “americano” pasou de largo sen mirar para ninguén, e Migueliño deixou de quere-lo.

Agora si, agora si que o era. Migueliño avistou outro home moi ben traxeado e o corazón dáballo que aquel era o seu pai. O rapaz devecíase por bicalo a fartar. ¡Tiña un porte de tanto señorío! ¡Ai!, o “americano” pasou de largo e nin tan siquiera reparou que o seguían os ollos angurentos dun neno.

Migueliño escolleu así moitos pais que non o eran e a todos quixo tolamente.

E cando esculcaba con máis anguria, fíxose cargo de que un home estaba abrazando á súa nai. Era un home que non se parecía ó retrato; un home moi flaco, metido nun traxe moi floxo; un home de cera, coas orellas fóra do cacho, cos ollos encoveirados, tusindo...

Aquel si que era o pai de Migueliño. □

Ojciec Migueliña miał przyplłynąć z Ameryki i wystrojony w odświętne ubranie chłopiec nie posiadał się z radości. Migueliño mógłby rozpoznać ojca z zamkniętymi oczami, jednak przed wyjściem z domu jeszcze raz rzucił okiem na portret.

Emigranci schodzili już na ląd. Migueliño i jego matka oczekiwali na keji. Serce chłopca waliło jak młot a jego oczy przeczesywały tłum w poszukiwaniu wyteśknionego ojca.

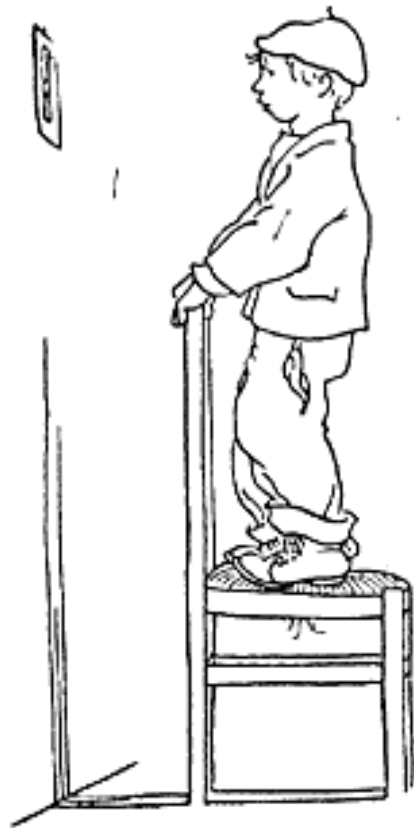
Wtem rozpoznał go z daleka. To był ten sam z portretu, może nawet lepiej ubrany. Migueliño poczuł do niego ogromną miłość i im bliżej był emigrant, tym większą miał chłopiec ochotę, by rzucić mu się na szyję. Ale co to! Emigrant przeszedł obok, nie spojrzawszy na nikogo i Migueliño przestał go kochać.

Teraz. Teraz to na pewno on. Migueliño zobaczył innego mężczyznę, bardzo dobrze ubranego i serce podpowiedziało mu, że to jego ojciec. Chłopiec nie mógł się wprost doczekać by go ucałować. Tak dostojnie wyglądał! Ale co to! Emigrant przeszedł obok i nawet nie zauważył, że wpatrują się w niego stęsknione oczy dziecka.

Migueliño wybrał w ten sposób niejednego ojca, który nim nie był i wszystkich szaleńczo pokochał.

I kiedy wodził wzrokiem z jeszcze większym utęsknieniem, zauważył, że jakiś człowiek obejmuje jego matkę. Był to człowiek, który w niczym nie przypominał tego z portretu, człowiek bardzo chudy, włożony w zbyt luźne ubranie, człowiek z wosku, z uszami ponad miarę, z zapadniętymi oczami, kaszlący..

To właśnie był ojciec Migueliña. □



INSTANTES CON SZYMBORSKA

NESTE ESPAZO PRESENTAMOS A TRADUCCIÓN AO POLACO DUN RELATO DE CASTELAO PERTENCENTE Á SÚA OBRA *Cousas*, EDITADA EN DOUS LIBROS EN 1926 E 1929, CUNHA EDICIÓN DEFINITIVA EN 1934 E BLASDWEIOIKFJWEIOIFGJEWIOIFJOIWEFINVIKNIKSNXDRJF EJ JEFOIWMEOIF IEJMFO IWEJFO IJOEIWFJ OIWEJF OIEWJF OIWEJFO IEWJFOIEW JFOI EOJJEWOIF OEIWMFOISDFLIUNEFILNF WEOF E EFE FE FWE EWF WE FEW FEW F

PRIMER AMOR

Dicen que el primero es el más importante. Eso es muy romántico, pero no en mi caso.

Algo entre nosotros hubo y no hubo, sucedió y tuvo su efecto.

No me tiemblan las manos cuando encuentro pequeños [recuerdos y un fajo de cartas atadas con una [cuerda –si al menos fuera una cinta–.

Nuestro único encuentro tras los años fue una conversación de dos sillas junto a una fría mesita.

Otros amores respiran hasta ahora profundamente [en mí.

A éste le falta aliento para suspirar. Y sin embargo justo así, como es, puede algo que los otros no pueden [todavía:

no recordado, ni siquiera soñado, me acostumbra a la muerte.



TODO

Todo: palabra impertinente y henchida de [orgullo.

Habría que escribirla entre comillas. Aparenta que nada se le escapa, que reúne, abraza, recoge y tiene. Y en lugar de eso, no es más que un jirón de caos.

CHARCO

Recuerdo muy bien ese miedo infantil. Evitaba los charcos tras la lluvia, sobre todo los recientes. Alguno podría no tener fondo, aunque se pareciera a los otros.

Me meto y de pronto me caigo toda, comienzo a volar hacia abajo, y más y más abajo, en dirección a las nubes re.ejadas y a lo mejor más allá.

Luego se seca el charco, se cierra sobre mí, y yo atrapada para siempre –dónde– en un grito que no sale al aire.

Solamente después sobrevino la [comprensión: no todos los accidentes siguen las reglas del mundo, y aun si lo quisieran, no pueden suceder.

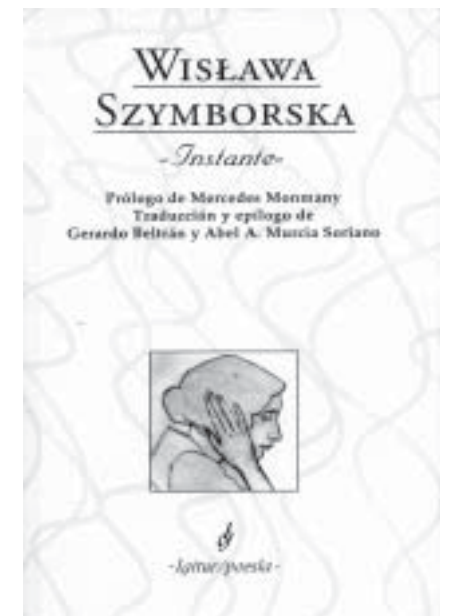


LAS TRES PALABRAS MÁS EXTRAÑAS

Cuando pronuncio la palabra Futuro, la primera sílaba pertenece ya a [pasado.

Cuando pronuncio la palabra Silencio, lo destruyo.

Cuando pronuncio la palabra Nada, creo algo que no cabe en ninguna [no-existencia.



EN EL PARQUE

¡Oh! –se sorprende el niño– ¿quién es esa señora?

–Es la estatua de la Misericordia, o algo así – contesta la madre.

–Y por qué esa señora está tan go...o...o...golpeada?

–No sé, que yo recuerde siempre ha estado así. El ayuntamiento tendría que hacer [algo de una vez o sacarla de aquí o restaurarla. Venga, venga, vámonos.

Netscape

File Edit View Go Bookmarks Tools Window Help

dabliudabliudabliupontopêê Search

(Untitled) por K@t@rzyn@ Piwow@rczyk

WWW.VIAGENSPONTOPÊÊ

Num país, que tem uma costa de 1,793 quilómetros, é lógico, que viajar seja uma coisa naturalíssima. Ligada sempre a um mistério, tem características quase místicas, cheias de medo e curiosidade – tão bem visíveis nos relatos de naufrágios. A viagem para um português é uma coisa natural. Vemos isso também em toda a cultura portuguesa (por exemplo na literatura, nas “Viagens na minha terra” de Almeida Garrett, “Viagem a Portugal” de José Saramago).

O uso da internet é também um tipo de viagem. De uma página partimos para uma outra, para ver mais, e ir mais longe. Mas não podemos esquecer, que além disso, a internet é uma básica fonte de informação para os turistas.

Como a internet é muito usada pelas agências de viagens (lógico), a pesquisa das páginas úteis antes da viagem precisa de uma dica só: basta preencher a caixinha do www.google.pt com a palavra “viagens” e já está.

A página mais difícil de encontrar, mas importantíssima, é <http://www.pousadasjuventude.pt> - para que tenhamos onde dormir na nossa possível viagem a Portugal. É um portão informativo da rede (enorme) de hotéis pequenos para os jovens (na maioria dorme-se nos quartos múltiplos). Os estudantes com cartão jovem (Euro<26) têm um desconto de 15%, então uma noite na pousada (com pequeno-almoço) custa por volta de 10-11 •.

Quanto aos bilhetes de avião baratos, não há boas oportunidades da Polónia. Mas pode tentar no www.ryanair.com, lá há bilhetes de Londres para o Porto (últimamente na promoção por 3.99£!). [consultem também a recente <http://www.centralwings.com> para viagens baratas entre Portugal e a Polónia]

Tenho também que mencionar uma página fantástica, em polaco e para os polacos, mas sobre Portugal. É muito útil antes da expedição, mas também pode ser uma viagem em si. Foi feita por só uma pessoa, Joanna Boj. Começou como tipo de diário de viagem e fonte de informação para as pessoas apaixonadas por Portugal, e cresceu até uma página enorme, com dados desde a cozinha até à literatura, com toda a ajuda turística também. Visitem: <http://www.portugalia-online.net>. Vale a pena visitar também os foros de Gazeta Wyborcza (Portugal: <http://forum.gazeta.pl/forum/71,1.html?f=10239>, Brasil: <http://forum.gazeta.pl/forum/71,1.html?f=23288>).

Com o nascimento da internet apareceu uma nova geração de diários de bordo. Primeiro, criaram-se os primeiros weblogs, depois chamados blogs – diários na internet (sim! Cada um pode escrever o que quer, para que os outros leiam!). Estes, em consequência duma evolução natural, especializaram-se em blogs temáticos (fotoblogs, blogs literários ou blogs da viagem). Para encontrar um, pode por exemplo entrar num portão de blogs brasileiros: <http://blog.uol.com.br/temas/viagem/index.html> (<http://blog.uol.com.br> é um portão inteiro, este link é para a categoria “blogs da viagem”). Mas cuidado! Antes de entrar num blog, leia a sua descrição. A categoria onde estará apresentado o diário escolhe o autor, e acontece que o meta onde quiser. Veja também: <http://viagens.ebloggy.com>, e <http://www.nunogodinho.com/weblog> (ótimo blog da viagem dum português à Índia – tem que procurar as notas da primavera, porque o autor já voltou).

Uma página muito bonita é também <http://www.dqa.pt/creoula-ceai/default.htm>. É um diário de bordo duma expedição de jovens ao arquipélago de Madeira, com o objetivo de conhecer melhor a natureza desta parte de Portugal. Muitas fotos lindas (procure a secção “formas do mar” e “uma foto por cada dia”) e um ambiente original.

Mas se tratarmos a palavra “viagem” no sentido mais metafórico, aconselho uma visita à página <http://www.apena.rcts.pt/aproximar/arte>. Tem com o título Viagem ao mundo da arte e dos artistas, e é uma base de links para as páginas dos maiores artistas portugueses. Isso é também uma viagem, não é?

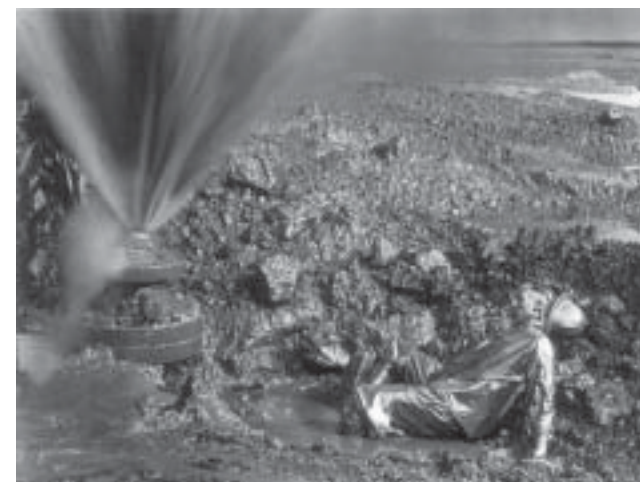
Então, boa viagem.

Document: Done (1.593 secs)

exposições

Texto de Agnieszka Rusinowska
Tradução e Jakub Jankowski

SEBASTIÃO SALGADO EM YOURS GALLERY



Desde 5 de Novembro, na galeria varsoviense *Yours Gallery* podemos assistir à exposição do foto-repórter brasileiro Sebastião Salgado. Salgado ocupa-se da fotografia desde os anos setenta. A sua aventura com máquina fotográfica começou por acaso ao tirar algumas fotos documentárias indispensáveis no trabalho. Assim descoberta, a paixão tornou-se uma parte integral da sua vida privada e profissional. No começo a sua obra trata da mesma temática. Mostra a vida dos marginalizados. Salgado nasceu na província brasileira, e mesmo que tenha sido educado na França e lá viva, a sua origem tem a maior influência na observação da realidade que executa através fotos.

As obras apresentadas na exposição pertencem a dois ciclos, editados antes em álbum: *Operários* e *Migrações*. o ciclo *Migrações* é o efeito das observações feitas durante edição do álbum *Operários* (1992). Os dois ciclos estão ligados no nível de causa-efeito.

As obras do ciclo *Operários* nasceram da consciência duma grande mudança- a chamada nova revolução industrial. O grupo dos operários da época industrial é protagonista principal das fotos tiradas por Salgado durante as viagens feitas nas últimas décadas do século XX. De onde vem a ideia? Salgado diz : Era o ano 1986, e ainda não se falava da globalização, mas as ameaças desta começavam a ser visíveis. Podia- se ver fábricas inteiras deslocadas da Europa Ocidental para a Ásia ou América Latina. A indústria migrava para outras partes do mundo e ao mesmo tempo dava-se uma violenta mudança tecnológica.

Estas fotografias são uma homenagem prestada aos operários simples. o autor deu-se conta de que assistia à mudança no sistema de trabalho. Ele podia observar como as mãos do homem cediam espaço aos robots, à mecanização da

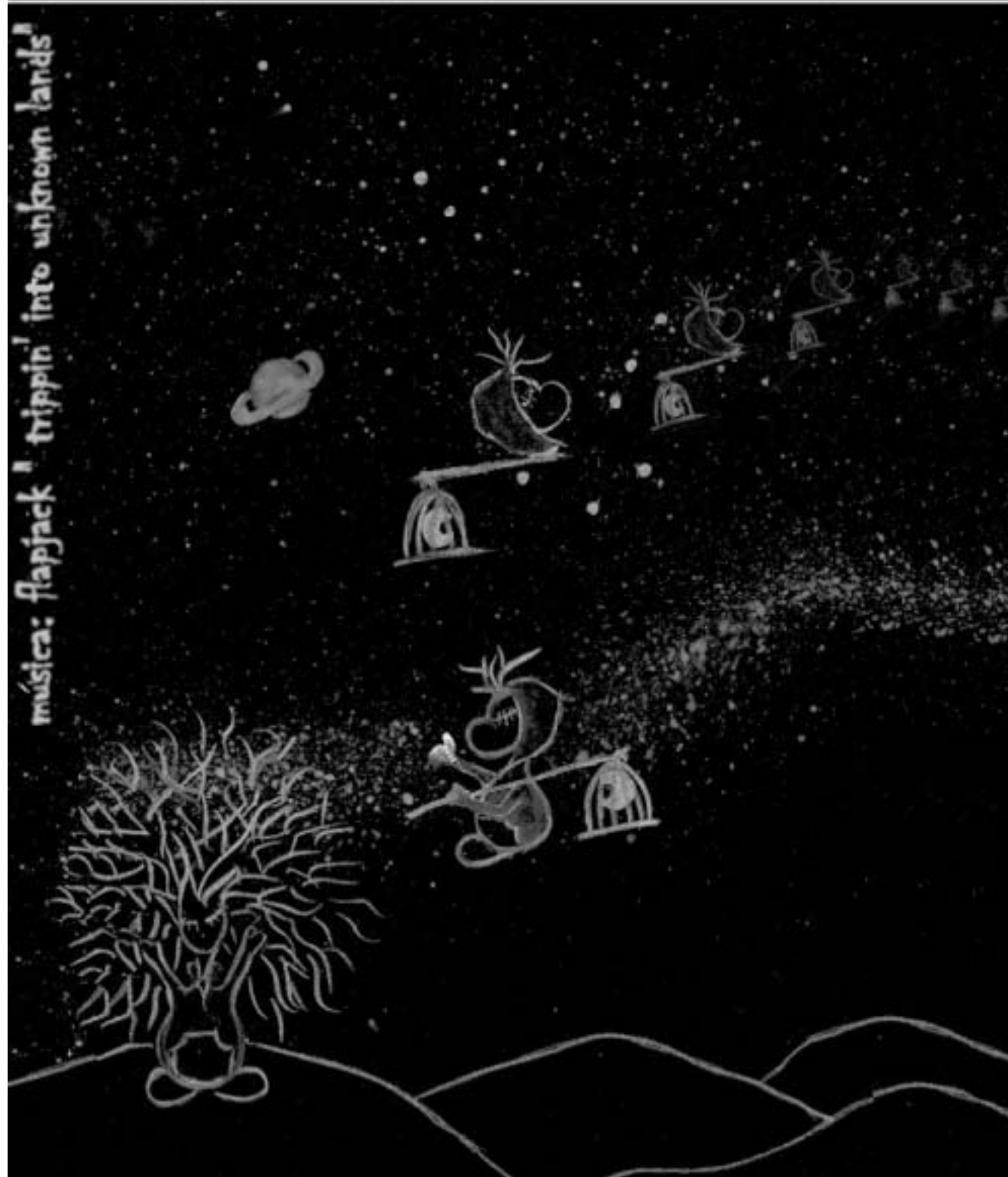
produção. Podia observar como a força electrónica entrava no palco. Para Salgado ficou claro que os operários, no entender tradicional, são uma espécie em vias da extinção. Salgado nesta altura visita o Kuwait e as indústrias do petróleo, as minas de ouro no Brasil. Eis a relação mais chocante. A mina na Serra Pelada no estado do Pará é um grande funil escavado na terra onde entram homens para depois trepar as grades perigosas com sacos cheios colocados na cabeça. Tudo parece um grande formigueiro de corpos humanos cobertos de lama, andantes de rastos às cegas. Assim Salgado mostra os efeitos das mudanças na era da globalização e o problema dos refugiados. Aqueles que fogem duma cidade para outra, duma aldeia para outra. De medo, de fome, para arranjar trabalho. A realidade cruel puxa os homens para atingirem os seus limites e quebrarem todo o tipo de fronteiras. Os operários ultrapassam os limites da sua dignidade.

Salgado não tira as fotografias às escondidas. Ele sabe aproximar-se de um homem e distinguir este homem da multidão, mostrando não somente a sua miséria mas também a sua dignidade. Mas mesmo assim permanece um fotógrafo invisível, que não comenta, que não faz intervenções. É uma testemunha silenciosa e usa a sua lente como espelho que reflecte a realidade. Mas Salgado não fotografa tragédias. Ele mostra que os homens são capazes de suportar tudo e é uma verdade que é sempre válida. A mensagem de Salgado é universal. Provavelmente por isso os organizadores da exposição não colocaram legendas debaixo das fotos. As fotografias em preto e branco, dum grão bastante forte, de molduras pretas, colocadas na parede branca chocam, comovem e deprimem. Mas Salgado não tinha prometido levantar o ânimo, pois, estaria a desistir do papel de artista.

Exposição aberta diariamente até 15.XII, 11-20, entrada gratuita. Yours Gallery, Praça Pilsudskiego 1

Pirilampus

ube4 lufk@



Pirilampus

ube4 lufk@

